

6a. PARTE — CRÍTICA DE LIVROS

SÂNZIO DE AZEVEDO E A CRÍTICA LITERÁRIA

Raimundo Girão

A *Crítica Literária* se não é uma ciência, como quer Afrânio Coutinho, caracteriza uma arte, dir-se-á melhor uma técnica difícil, pois visa a extrair do texto literário, prosa ou poesia, o verdadeiro sentido de sua essência ou a pureza, se há, de sua forma estilística ou da correção gramatical. É um processo de análise de laboratório, através da qual — é uma comparação — o analista procura descobrir o que a vista nua não alcança, por exemplo uma diminuta molécula dum corpo bruto ou a diminuta célula dum tecido orgânico.

Mas para isso é necessário que o microscopista esteja formado de fortes conhecimentos da maneira de identificar a coisa procurada e de pleno saber científico da matéria em exame. Tal como se dá com o crítico literário, a quem não deve faltar, além da “ascética dedicação”, de que nos fala Braga Montenegro, a indispensável cultura geral, especialmente a das Belas-Letras, e também certo lastro de idéias ou noções da Psicologia, da Antropologia Social e da Filosofia, para chegar, com segurança, às acertadas conclusões.

Acontece que nesse trabalho indutivo e dedutivo nem sempre os analistas ou críticos de literatura estão acordes quanto ao mesmo ponto de vista ou objeto examinado, e por isso as ilações variam muito, ao sopro dos ventos das preferências individuais ou da capacidade analisadora de cada qual. **Hoc opus, hic labor est.** O que dá em resultado repontar a interpretação desejada ora dum modo, ora de outro diferente, não raro degenerando em polêmicas ou atritos.

E acrescenta-se existirem críticos na verdade críticos, enquanto outros não passam de comentaristas de obras literárias.

Os comentaristas as apreciam mais por cima, de feição mais impressionista, tentando, sem maior profundidade, mostrar-lhes o mérito ou negá-lo, elogiando as suas belezas expressivas ou, ao contrário, indicando-lhes os defeitos. Costuma-se dizer que os livros são feitos para os leitores e não para os críticos, e, se é assim, os que os avaliam apenas pondo em destaque as suas qualidades boas ou más prestam ótimo serviço aos autores das obras comentadas e ao público leitor. Aqueles por verem bem divulgado o que escreveram e a este por, sem ainda conhecer a obra estudada, ficar informado, de antemão, do valor ou não de sua leitura. Neste particular, sem que a afirmação tenha limite estanque, no Ceará merecem elogiosa referência Abdias Lima, Aluísio Medeiros, Carlyle Martins, João Clímaco Bezerra, José Valdevino de Carvalho, Mozart Soriano Aderaldo, Stênio Lopes.

Diversa a intenção dos críticos, os quais vão mais dentro na apreciação estrutural do contexto submetido ao seu estudo. Desarticulam-no, peça por peça, seja mais benevolmente, seja mais rigorosamente, seja não tocando esses extremos e sim ficando no meio termo da imparcialidade. Daí, existirem críticos louvaminheiros, críticos implacáveis e críticos serenos, alheios a fatores ou predisposições que os possam levar a um injusto julgamento.

A Crítica Literária em nossa terra é ornada de expressões maiores, nacionalmente consagradas, e delas são principais representantes Rocha Lima, Araripe Júnior e Braga Montenegro, entre os falecidos.

Rocha Lima (Raimundo Antônio da) foi, nesse terreno, uma explosão de talentos que a morte prematura não deixou se irradiasse com a claridade e extensão esperadas. Morreu a sua crítica quase antes de nascer. Nem teve ensejo de publicar o seu **Crítica e Literatura**, que é livro póstumo e, como afirma Capistrano de Abreu, no seu Prefácio, "só de modo incompleto diz da grandeza do autor". Nascido em Fortaleza em 1855 e falecido em 1878.

Araripe Júnior (Tristão de Alencar), também de Fortaleza, nasceu em 1848 e faleceu em 1911. Tido, justamente, como o

mais abalizado dos críticos brasileiros do seu tempo, em paridade com Sílvio Romero e José Veríssimo.

Braga Montenegro (Joaquim), maranguapense, viveu entre 1907 e 1979. Autodidata, o que valoriza e mais realça a sua cultura literária. Contista, romancista, mas a Crítica Literária foi, de fato, o grande motor de sua consagração; e tenho a idéia que nesse vistoso cenário intelectual ele ultrapassou os outros dois. Classifica-se, positivamente, entre os críticos desamarrados de conveniências ou considerações pessoais, sem, doutro lado, sujeitar-se, ou arrastar-se por antipatias ou quaisquer preconceitos. Um tanto radical, talvez. A Universidade Federal do Ceará deu-lhe o título de Professor **honoris causa**.

No painel dos atuais doutores desse tipo cultural — o da Crítica Literária — sobressaem Pedro Paulo Montenegro, Otacílio Colares, F. S. Nascimento e Sânzio de Azevedo, todos da Academia Cearense de Letras.

Pedro Paulo, fortalezense, atual Pró-Reitor de Extensão da Universidade Federal do Ceará, é M. S. de Teoria Literária com a tese “A Teoria Literária na Obra de Araripe Júnior”, pela Universidade de Madri, Espanha, revalidada, com a forma de livro, lançado em 1975, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Publicara, antes, “Convivências — Estudos de Teoria Literária”, 1969. e só estas obras, afóra trabalhos outros, confirmam a sua posição, bem em cima, no quadro dos nossos críticos de literatura.

Otacílio Colares, também de Fortaleza, ao lado do poeta excelente, há de figurar, com projeção nítida, nesse mesmo quadro. Nos seus “Lembrados e Esquecidos” (5 volumes) e em “Incursões Literárias” (Ensaio), ele oferece a mais evidente prova disso.

Assim, igualmente, F. S. Nascimento, vindo do Crato trazendo bagagem de eleição e, sem que se esperasse, de pronto saiu com “Estrutura Desmontada” 1977, em cujas páginas revelou brilhantemente o seu domínio na área da Crítica. Confirma-o “Três Momentos de Ficção Menor”, 1981.

Cito por último Sânzio de Azevedo — **the last but not least** porque estas modestas e atrevidas letras se destinam a transmitir a quem, porventura, me vier a ler o retrato, ou mais preci-

samente o perfil daquele que, muito moço, já se tornou autoridade nas pesquisas das Letras Maiores do Ceará. Nasceu em Fortaleza, no ano de 1938. Poeta de inegáveis méritos, tendeu, bem cedo, para as procuras relacionadas com a história de nossa Literatura e, sucessivamente, deu à publicidade, sobre ela, várias e preciosas plaquetas, à moda de ensaios, resumindo as atividades de grêmios literários que fizeram e fazem boa parte de nossa vaidade de povo que não foge aos salutares e magnéticos eflúvios da Inteligência Criadora. E daí saltou para picadeiro mais largo, mais amplo e nos presenteia com “Literatura Cearense”, 1976, em cujas seis centenas de páginas se desenrolam, bem coordenados, os fatos e fastos de nossa pos-sança literária. É Livro e não apenas volume. E não ficou só a historiar; avançou para o fundo e entrou no embaraçoso subsolo da interpretação. Fez-se crítico, desses que, isentos de prejudgados, joeiram o material colhido até encontrar a gema preciosa. Da sua garimpagem surgiram verdadeiras jóias de crítica literária, buriladas em épocas várias e agora reunidas em belo esdrúsculo — “Aspectos da Literatura Cearense”, 1982, que afetuosamente me oferece. Aprecia, aí, diversos escritores cearenses, estudando de cada um uma ou duas de suas obras, ora escritas em prosa, ora em versos. Das primeiras, analisa “Aves de Arribação”, de Antônio Sales; “Iracema”, de José de Alencar; “O Simas”, de Papi Júnior, Contos de Oliveira Paiva; “Tentação” e “No País do Ianque”, de Adolfo Caminha; “Uma Chama ao Vento” e “Correio Retardado (I e II)”, de Braga Montenegro. Dos segundos — os livros de poética de José Albano, Lívio Barreto; Joaquim de Sousa, Américo Facó, Carlos Castro (A. F. Castro) e Otacílio de Azevedo.

Em todos Sânzio se revela o pesquisador do conteúdo mais íntimo da obra sob análise. Como que arranca de cada livro cada página para submetê-la ao vidro curioso de seu microscópio. Qual acurado anatomista disseca, retalha, corta, separa, isola, confronta, compara metodicamente as partes do todo, os pormenores do conjunto tudo para firmar, afinal, a sua convicção quanto ao exato préstimo do corpo investigado.

O derradeiro dos capítulos do livro dedica-o a “Otacílio de Azevedo e sua Obra Poética”, e sem dúvida alguma vale como um coroamento de tudo quanto ali escreveu.

É o filho mostrando, literariamente, quem é o pai, aquele “caboclinho”, meio seráfico, a que se referiu Justiniano de Serpa. Dele se ocupa das páginas 281 a 348, ao fim do volume, sempre com a mesma acuidade e afinada consciência interpretativa. Desassocia ponto por ponto toda a obra do Poeta, o qual, segundo suas próprias palavras, “se não chegou a realizar-se materialmente construindo fortuna, o que nunca o atraiu, conseguiu fazê-lo artisticamente, erigindo uma obra literária que guardará o seu nome para a posteridade, e vivendo uma existência colorida por sonhos, embalada pelo amor dos seus e perfumada pela consagração da Crítica”.

Empreguei o termo “seráfico” ao referir-me a Otacílio e, de verdade, o conheci sempre um puro, de uma quase ingênua candura pessoal, descontraído, sem ambições de riqueza, senão a de poder fabricar com as suas aptidões a fortuna da legítima glorificação intelectual. A sua fábrica foram os seus versos de inspiração eloqüentes, sonoros, dando música à alma de quem os lê ou recita.